

As concepções metodológicas do ensino de surdos: memórias da novela “sol de verão”

*Methodological conceptions of deaf education:
memories of the soap opera “sol de verão”*

*Las concepciones metodológicas de la enseñanza de surdos:
memorias de la novela “sol de Verano”*

José Anchieta de Oliveira Bentes² 

Huber Kline Guedes Lobato³ 

Fábio Augusto Teixeira Rodrigues⁴ 

1

Resumo: A educação de surdos, a partir da década de 1980, é concebida por três concepções metodológicas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Este artigo utiliza-se dessas concepções para caracterizar e identificar nos trechos da novela “Sol de Verão” as memórias relacionadas às concepções metodológicas de ensino da pessoa surda. O *corpus* de pesquisa são trechos dessa novela de época que tratam da questão da educação de surdos. Para tal, utiliza-se do tipo de pesquisa análise dialógica do discurso, que possui inspiração do círculo de Bakhtin. Os resultados apontam as seguintes conclusões: i) a surdez apresentada na novela está aliada ao viés médico; ii) o papel responsivo da família diante do contexto da época reverbera nas decisões dos surdos; iii) a atividade da oralização é vista como uma forma de inserção do sujeito no contexto social; iv) a proposta de ensino do personagem surdo é uma mescla de conteúdos das disciplinas com a terapia da fala; e v) a perspectiva do bilinguismo ainda não aparece.

Palavras-chave: Educação de surdos. Concepções metodológicas. Memória.

Abstract: *The deaf education, since the 1980's decade, is understated in three methodological conceptions: the oralism, the total communication and the bilingualism. This paper use these conceptions to characterize and identify at excerpts from the soap opera “Sol de Verão” the memories about the methodological conceptions of teaching to the deaf. The research corpus is excerpts from vintage soap opera that present the matter of deaf education. For this, it is used the research kind of discursive dialogical analysis, inspired at Bakhtin's circle. The results show the following conclusions: i) the deafness presented in the soap opera is allied to the medical bias, ii) the responsive role of the family in the context of the time reflected in the decisions of the deaf; iii) the speech activity is seen as a form of insertion of the deaf person in society; iv) the teaching proposal of the deaf personage is a mixture of contents of the disciplines with the therapy of the speech; and v) the perspective of bilingualism does not yet exist.*

Keywords: *Deaf education. Methodological conceptions. Memory.*

Resumen: *La educación de sordos, a partir de la década de 1980, está concebida por tres concepciones metodológicas: el oralismo, la comunicación total y el bilingüismo. Esta investigación se utiliza de las concepciones para caracterizar e identificar en los trechos de la novela “Sol de Verano” las memorias relacionadas a las concepciones metodológicas de enseñanza de la persona sorda. El corpus de investigación son fragmentos de esa novela de época que tratan de la educación de sordos. Entonces, se utiliza del tipo de investigación análisis dialógico del discurso, que tiene inspiración del círculo de Bakhtin. Los resultados sugieren las siguientes conclusiones: i) la sordera que se presenta en la novela está relacionada con un enfoque médico, ii) la sensibilidad que muestra la familia frente al contexto de la época influye en las decisiones de los sordos iii) la actividad del habla es percibida como una forma de inserción del sujeto en la sociedad; iv) la*

¹ **Submetido em:** 10 abr. 2019 - **Aceito em:** 12 jul. 2019 - **Publicado em:** 07 ago. 2020

² Universidade do Estado do Pará (UEPA) – E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

³ Universidade Federal do Pará (UFPA) – E-mail: huberkline@gmail.com

⁴ Universidade do Estado do Pará (UEPA) – E-mail: fabiolibras16@gmail.com

propuesta de enseñanza del personaje sordo es una mezcla de contenidos de las disciplinas con la terapia del habla; y por último v) la perspectiva del bilingüismo todavía no existe.

Palabras clave: *Educación de sordos. Concepciones metodológicas. Memoria.*

Introdução

A novela “Sol de Verão” foi uma produção brasileira exibida pela Rede Globo, entre 11 de outubro de 1982 e 18 de março de 1983. Nessa novela, há o personagem Abel Spina, interpretado pelo ator Tony Ramos. Esse personagem era rotulado como “surdo-mudo” (nomenclatura da época), sendo um personagem divertido, inteligente e sensível, que usava de todos os meios para se comunicar com as pessoas em sua volta. Em decorrência da surdez, conforme nossa avaliação, apesar de toda a alegria que passava, o personagem escondia as suas tristezas e dores, tornando sua felicidade algo de aparência.

Abel frequentava uma escola especializada e, em determinado momento da trama, morou em um sobrado e trabalhou na oficina mecânica de Heitor, interpretado pelo ator Jardel Filho. Nesse sobrado, Abel aproveitava sua habilidade para consertar objetos da oficina e lidar com as plantas. É na casa de Heitor que ocorre o trecho selecionado para esta análise.

A novela foi exibida em uma época de desenvolvimento tecnológico voltado à acústica dos instrumentos que buscam recuperar a audição e aperfeiçoar a fala. Neste sentido, é possível inferir que um dos objetivos dos autores da novela – escrita por Manoel Carlos, com a colaboração de Elizabeth Jhin e dirigida por Roberto Talma, Jorge Fernando e Guel Arraes (SANTANA, 2017) – foi divulgar essa tecnologia que prometia a melhoria de qualidade acústica da audição e de uma melhor articulação fonoarticulatória. O personagem Abel, como veremos, com seu consentimento, fez uso dessa tecnologia.

Nosso objetivo se delineia em caracterizar e identificar nos trechos da novela “Sol de Verão” as memórias relacionadas às concepções metodológicas de ensino de pessoas surdas. Ressaltamos que para a constituição do *corpus* de análise, utilizamos a plataforma *YouTube*, especificamente o canal designado Mofotv, em que se localiza o trecho da novela analisada (ver *link* <https://www.youtube.com/watch?v=iyAq67uhXNY>).

Elencamos como problema principal do estudo: quais memórias remetem para as concepções metodológicas de ensino de pessoas surdas nas cenas do personagem Abel, da novela “Sol de verão”? Para responder a essa pergunta, adotamos as diretrizes metodológicas da Análise Dialógica do Discurso que possui inspiração nos estudos bakhtinianos e em seus interlocutores contemporâneos.

Nas seções seguintes conceituamos memória na perspectiva bakhtiniana; contextualizamos brevemente, em âmbito internacional e nacional, a educação de surdos nas décadas de 1960 a 1980; para, em seguida, identificarmos e analisarmos no trecho da novela, publicado no canal Mofotv, as memórias que remetem às concepções de ensino do personagem Abel.

A memória como objeto de análise

O sujeito é constituído de vozes, cada uma oriunda de experiências na relação com o outro. A partir dessa consideração, podemos falar do enunciado, que consiste na possibilidade da réplica. Essa resposta, não é autossuficiente, visto que a mesma, enquanto enunciado de fato, está inacabada e adquirirá o seu acabamento quando admitir a sua expansão em uma nova resposta.

Assim, pode-se compreender a cadeia enunciativa infinita, uma vez que um enunciado vai sempre dialogar com outros enunciados. É nesta cadeia de enunciados que estabelecemos a memória. A este respeito:

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26).

3

Compreende-se o enunciado enquanto um elo na cadeia discursiva, visto que a cada novo enunciado haverá a memória de enunciados anteriores. Isto é, a palavra não pode ser compreendida de forma isolada, pois foi criada a partir de uma palavra anterior, da qual traz lembranças, envolvidas em uma cadeia discursiva.

Assim, “não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2017, p. 26). Essa interação de uma palavra com a outra, consiste no aspecto social constitutivo da linguagem, pois é nessa fronteira dialógica que os sentidos são construídos, uma vez que “cada palavra se realiza em uma relação dialógica e é invadida pela palavra do outro; é sempre réplica de um diálogo explícito ou implícito e não pertence nunca a uma só consciência, a uma só voz” (PONZIO, 2016, p. 97).

Na perspectiva bakhtiniana, concebe-se o enunciado enquanto uma manifestação da língua viva, com isso, não se pode analisá-lo destituído do seu contexto, uma vez que todo ato de linguagem está inserido em um tempo e em um espaço e possui um agente, um enunciator. Por isso, falar de língua viva, em seu estado de concretude, é entender o caráter dialógico da palavra, a minha palavra se relacionando com a palavra do outro em um processo de constituição de novas palavras, a que chamamos de cadeia discursiva.

No que concerne ao dialogismo, é pertinente falar de um aspecto marcante da qualidade dialógica da palavra: a responsividade, porque toda fala humana é de natureza responsiva, ocorre para responder a alguém, a algo. Nas palavras do filósofo russo:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Essa relação de ouvinte e falante é baseada em um ativismo, o qual é norteado na perspectiva do enunciado vivo, aquele que produz o seu acabamento mediante a réplica, a resposta do outro. Na acepção de Bakhtin (2016), não há um sujeito passivo, pelo contrário, sempre há uma tensão na interação entre sujeitos e a comunicação viva é resultante desse entre falar.

Ainda sobre essa relação de negociação entre sujeitos, é importante frisar a memória que cada enunciado traz em seu cerne, pois este é constituído do seu antecedente e será a parte constituinte do seu sucessor. Com relação a isso, toda palavra traz a lembrança de um outro em sua manifestação, uma memória daquele que a proferiu.

No que tange as lembranças, os achados de Bakhtin pontuam: “nas lembranças levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado” (BAKHTIN, 2017, p. 64).

Acerca desse caráter inacabado, vislumbramos a inexorabilidade de tratar a memória, pois a mesma sempre estará a produzir diferentes interpretações quando explorada, porque toda materialidade tem o seu inacabamento, possui a sua índole dialógica.

A respeito do dialogismo da palavra: “[...] essas palavras são palavras de outras pessoas [...] Depois, essas ‘palavras alheias’ são reelaboradas dialogicamente em ‘palavras minhas-alheias’ com o auxílio de outras ‘palavras alheias’ [...]” (BAKHTIN, 2017, p. 68). Observamos o caráter alheio da palavra, no sentido que ela está atravessada pelo outro, o que implica pensar nessa perspectiva em uma palavra dialogizada, pois a mesma sempre traz a memória do outro.

Nesse universo da palavra, sobretudo quando se pensa na comunicação a partir do contato entre enunciados distintos, também é válido destacar a relevância da palavra do outro e sua importância para a reação do sujeito mediante o seu discurso. Essa reação pode ser infinitamente variada a depender do contexto a qual aquela situação aconteceu e como aconteceu. No plano do dialogismo bakhtiniano, é essencial compreender que vivemos em um mundo de palavras do outro, portanto, em um universo de palavras repletas de memórias.

O inacabamento da palavra é o seu principal aspecto, essa vivacidade presente na palavra do outro é a efetivação do dialogismo, pois, mesmo que o tempo possa transcorrer, o enunciado ainda estará suscetível ao diálogo, visto que o curso da temporalidade não aprisiona a palavra em si mesma.

Essas novas formas de compreender a palavra estão relacionadas com o contexto, porque este é um ponto determinante para a interpretação de algo, uma vez que novos sentidos estão a dialogar com os contextos de interpretação. Com isso, as distintas memórias advindas da palavra estão a se relacionar com o tempo e o lugar que o sujeito está situado. A respeito desse contexto, Valentin Volóchinov, membro do Círculo de Bakhtin, argumenta: “[...] as formas de um enunciado inteiro podem ser mantidas e compreendidas apenas em comparação com outros enunciados inteiros na unidade de uma esfera ideológica” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 194).

O autor ressalta para o fator sógnico presente no cerne do sentido, pois cada enunciado

vai dialogar com os outros enunciados inseridos em um campo da atividade humana, também ideológico. Ou seja, as relações dialógicas, aqui, vistas considerando a totalidade, são mecanismos responsáveis pela composição sógnica da palavra.

Para Faraco (2009), estudioso da obra do Círculo, as relações dialógicas são estabelecidas por sujeitos, os quais trazem consigo uma carga ideológica, por estarem situadas no tempo e no espaço. A partir disso, pensamos em palavras com uma carga ideológica distinta, visto que cada ser imprime as suas memórias e é essa simbiose que produz a teia dialógica. Ele expõe:

As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor – que, como vimos, constituem, no conceitual do círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado. Entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas (FARACO, 2009, p. 66).

Dessa forma, concebe-se a relação do enunciado com os contextos distantes, como mencionado por Bakhtin (2017), em seu texto “Por uma metodologia das ciências humanas”. Isto, pois o grande tempo, definido pelo autor como o diálogo sem fim, vai estar sempre a produzir um sentido, estará a emitir um sentido novo e em consonância com a posição de interpretação do sujeito.

A educação de surdos em âmbito inter/nacional

Neste estudo, torna-se relevante contextualizarmos, brevemente, em âmbito internacional e nacional, a educação de surdos, para que possamos entender as influências históricas, políticas e legais que permearam a memória acerca da novela “Sol de Verão”. Frisamos que, no período em que a novela foi exibida, muitas pesquisas foram desenvolvidas em torno da educação de surdos e da Língua de Sinais (doravante LS).

Segundo Ferreira (2010), vários pesquisadores trabalharam para o reconhecimento da LS na educação de surdos, tais como: Stokoe em 1960, Supalla e Newport em 1978, Klima e Bellugi em 1979, Mandel em 1981, Kyle em 1987; no Brasil: Ferreira em 1985, Ferreira e Langevin em 1986, entre outros. Ainda assim, a mídia, no contexto da década de 1980, retratou a educação de surdos com base nas técnicas da comunicação total, bem como do oralismo.

Para Bentes e Hayashi (2016), nos anos de 1960, os sinais falados por surdos começaram a ter estatuto de língua e passaram a ter sua gramática descrita, valendo-se das pesquisas na área de Linguística realizadas na Universidade Gallaudet, localizada nos Estados Unidos, por William Stokoe (1919-2000), que descreveu a estrutura da *American Sign Language* (ASL). Esses estudos descritivos possibilitaram maior visibilidade à LS e propiciaram o surgimento da comunicação total, na década de 1970. Assim:

Com a implantação da comunicação total, tem-se a atitude de aceitar o uso concomitante de duas modalidades, contanto que não se considere a forma de se expressar do indivíduo surdo como uma língua, com todos os componentes

gramaticais. É como se o indivíduo abrisse mão de sua forma de se comunicar em prol de uma estrutura dominante, a da modalidade oral da língua portuguesa (BENTES; HAYASHI, 2016, p. 868).

A comunicação total, conforme sugere a própria nomenclatura, visava o uso concomitante da fala, dos sinais e de diversos outros recursos para que se pudesse estabelecer a comunicação com as pessoas surdas. Entende-se que:

A Comunicação Total advoga o uso de um ou mais desses sistemas, juntamente com a língua falada, com o objetivo básico de abrir canais de comunicação adicionais. É mais uma filosofia que se opõe ao Oralismo estrito do que propriamente um método (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2002, p. 236).

Juntamente com a comunicação total, no Brasil, na década de 1970, ocorriam as modificações decorrentes do modelo educacional da integração. O modelo da integração, embora tenha apresentado propostas educacionais no sentido de contemplar a pessoa com deficiência, ainda assim, deixou lacunas quanto a eliminação das barreiras impostas pela sociedade.

O modelo educacional da integração procurou tornar a pessoa surda normalizada para participar da sociedade. Assim, a pessoa com deficiência deveria ser preparada para adaptar-se ao convívio social. Com isso, a filosofia da comunicação total tinha o caráter de integrar o surdo à sociedade.

[...] nessa época começaram a surgir diversos sistemas de sinais cujo objetivo central era aumentar a visibilidade da língua falada, para além da mera leitura labial. Procurando tornar a língua falada mais discernível ao surdo, o objetivo de tais sistemas era auxiliar a compreensão da língua falada e, assim, melhorar o desempenho do surdo na leitura e na escrita (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2002, p. 237).

A educação de surdos passou, no mundo, por mudanças que merecem ser destacadas neste estudo. Nesta direção, pontua-se:

E, de fato, vários desenvolvimentos metodológicos e tecnológicos surgiram desde a década de 1960 até o final do século XX, todos sempre acompanhados de grandes expectativas. Por exemplo, o desenvolvimento dos aparelhos auditivos na década de 1960, os projetos de intervenção precoce e o desenvolvimento de novos modelos de gramática na década de 1970 (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2002, p. 235).

Os novos meios tecnológicos amplificavam a audição e prometiam ser uma revolução na vida dos surdos. Assim, as escolas especiais, nesse período, foram adquirindo os aparelhos de amplificação sonora. O papel das escolas especiais estava bem definido na prática de reabilitar os alunos surdos por meio do uso da oralidade e do uso de aparelhos de amplificação sonora.

A partir do início da década de 1980, os movimentos das pessoas com deficiências, no Brasil e no mundo, passaram por um rearranjo político, metodológico e instrumental, utilizando de aparato técnico para tal fim. Conforme Capovilla e Capovilla (2002), na década de 1980, houve novo desenvolvimento tecnológico na acústica dos aparelhos auditivos e nos programas de computador para auxiliar a percepção da fala como o *Phonator* e o *Visible Speech*. Essas mudanças refletiram na educação e na vida dos surdos, nesse período histórico.

Análise de um trecho da novela “sol de verão”

Iniciamos apresentando a transcrição da cena extraída do canal MofoTv. Na referida transcrição utilizamos colchetes para simbolizar a descrição feita pelos pesquisadores. Na fala dos personagens utilizamos as reticências para indicar pausa nas falas e sequências de dois pontos para indicar prolongamento das vogais (terapia da fala):

[Vinheta da novela “Sol de Verão”. No núcleo familiar aparecem Horácio, sua esposa Rachel (personagem de Irene Ravache) e Abel. Entram Abel e Clara (Personagem Débora Bloch) e se sentam na sala].

HORÁCIO: Abel, como é que é, você... você tá com vontade, tá mesmo disposto?

ABEL: [Faz gesto com a mão e depois sinalizando] eu vou tentar [língua de sinais].

HORÁCIO: Tentar? Tentar? Não! Não vai tentar não! Se você quiser se lançar de verdade. Pra valer, nesse curso, dentro de poucos meses, Abel, você vai conseguir verbalizar.

ABEL: [Faz um gesto e abraça Raquel].

[Aparece a vinheta de um calendário, a expressão Terapia da Palavra e, em seguida, um aparelho de audiometria. Com música de fundo aparece Abel pronunciando]

A::: [o personagem demonstra brilho nos olhos ao pronunciar repetidamente o som da letra “a” de forma prolongada. Aparece novamente uma vinheta de um mês].

FONOAUDIÓLOGA: [Aparece toda sorridente balançando a cabeça e dando instruções]. Coloque a língua no lábio... Isso... Certo. Mais força. Isso. Muito bem. Pode soltar. Muito bem. Você acertou. Repete Lu::a::

ABEL: Lua:: [no microfone, tentando se aproximar do som em Português]

[...] [Abel usa o espelho, a lousa, bem como equipamentos técnicos] [...].

FONOAUDIÓLOGA: Como está tua mãe?

ABEL: Tudo bem! [sorrindo].

FONOAUDIÓLOGA: Você com sua mãe como estão?

ABEL: Eu amo minha mãe!

FONOAUDIÓLOGA: Muito bom [avaliando a pronúncia] E seu pai? Como tá?

ABEL: Bem!

FONOAUDIÓLOGA: Fala uma coisa pra mim: por que você chegou atrasado hoje na terapia?

ABEL: Foi a chuva.

[Entra Raquel e sua filha Clara no gabinete de terapia da fala] Ih! Você tá ficando um tagarela (MOFOTV, 2010, 7 minutos e 36 segundos).

Na cena da novela, após o diálogo entre Abel e seus familiares, aparece o personagem realizando alguns exercícios de logopedia e fonoaudiologia, para a reabilitação da fala. Abel realizava os exercícios com uma profissional fonoaudióloga, sendo que os seus familiares sempre o acompanhavam durante as sessões. No encerramento da cena, Abel conseguiu desenvolver a oralidade de forma mais articulada.

A cena analisada se estrutura a partir de alguns meses, conforme a vinheta foi sendo exibida na tela: a) Mês de março – o início da terapia da fala por Abel; b) Mês de abril – ocorreu a intensificação da terapia; c) Mês de maio – momento em que Abel passou a emitir as primeiras sílabas e palavras, neste contexto, com o uso da técnica do *Cued Speech*; d) Mês de junho – houve o uso da técnica bimodal, ou seja, o uso de LS e a oralização de forma simultânea e com uso de imagens e objetos; e) Mês de julho – ocorreram os exercícios de identificação de algumas sílabas tônicas; f) Mês de agosto – houve a continuidade do uso da técnica bimodal diante do espelho; g) Mês de setembro – houve, também, o uso da técnica bimodal entre personagens (Abel e fonoaudióloga), sendo que a oralização se sobressaiu no

momento do diálogo.

Destacamos que o desenvolvimento da fala oral é uma habilidade que pode ser desenvolvida por meio do treinamento fonoaudiológico e seus resultados dependem da idade em que for iniciada a intervenção – as terapias de reabilitação, bem como a interação social, neste caso a interação de Abel com os seus pares: Raquel e Clara. Assim, a participação destas, no tratamento do personagem Abel, foi carregada de sentidos que evidenciam a influência da participação familiar no desenvolvimento da fala do surdo.

Com isso, ressaltamos o consentimento do personagem, já usuário da LS, em fazer a terapia da fala, com a finalidade de se apropriar de mais um meio de linguagem (a oralidade), tendo um caráter de segunda língua. Sobre isso, Kelman (2015, p. 65) argumenta:

O aprendizado da segunda língua não garante o aprendizado da expressão oral. Depende da vontade individual de querer ou não se expressar na segunda língua, e de se buscar os recursos para este aprendizado: atendimento fonoaudiológico, implante coclear e outros recursos tecnológicos que possibilitem a emissão do som com propriedade pela pessoa surda.

8

Desta forma, pontuamos que algumas memórias da época ainda se encontram presentes em nossa sociedade atual. Essas memórias trazem a ideia de que, a orientação e o aconselhamento de profissionais da saúde aos familiares, promoverá um melhor desempenho na terapia da fala, bem como na escolarização de pessoas surdas.

Assim, percebe-se que há uma ligação entre os médicos, os fonoaudiólogos e as famílias, que assumem a responsabilidade de incluir o sujeito surdo. Essa ligação cria uma cadeia discursiva com a finalidade de proporcionar a inclusão, sendo que cada instituição – sistema de saúde e família – tem um significado na composição do todo. Ou seja, a articulação dos familiares com os profissionais da saúde produz um caráter sócio: a colaboração para a inclusão do outro, que é surdo.

Destacamos, também, a mídia como um instrumento que reflete e refrata o contexto histórico da época, visto que a forma como a família é mostrada, traz para discussão o surdo, enquanto sujeito marginalizado, uma vez que a sociedade é constituída de indivíduos usuários, sobretudo, da oralidade. Dessa forma, o espaço familiar, exibido na novela, constituiu-se como uma esfera ideológica.

Para Volóchinov (2017), a esfera ideológica está relacionada com o campo dos signos. Assim, podemos observar na cena analisada, que a surdez enquanto signo ideológico, está dotada de uma avaliação social, visto em função da ausência da fala. Essa expressão verbal – a fala – vai assumir significação quando inserida no fluxo discursivo do período, o qual postulava a oralidade como um elemento de inclusão social.

A oralidade é uma palavra dotada de uma carga sócio muito expressiva quando inserida no âmbito da educação de surdos, uma vez que tal palavra traz consigo toda uma trajetória de opressão, que se constitui, sobretudo, pela não aceitação da LS. É essencial conceber o sujeito surdo, de acordo com o que foi exibido no trecho da novela, como um ser consciente e ativo. Não é à toa que ele foi consultado, e isso, por si só, já demonstra um respeito a forma como esse sujeito é visto em seu meio social.

Com o estabelecimento desse diálogo, já traz uma perspectiva dialógica no sentido de reconhecer esse outro como sujeito, visto que ele tem a prerrogativa de se manifestar como um ser expressivo e falante, bem como assevera o próprio Bakhtin (2017). Também é válido trazer o que se constitui como ouvintismo, o qual consiste em: “[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 2001, p. 15).

Com o advento da língua de sinais e todos os acontecimentos políticos em seu favor e legitimação, observamos esse assunto da oralidade como uma questão atravessada de posicionamentos axiológicos, bem como diz Kelman (2015, p. 65):

Hoje em dia tem se visto a luta pelo reconhecimento e ensino da língua de sinais de forma tão intensa, que muitos surdos rejeitam a ideia da expressão oral. Esse é um assunto muito polêmico, pelo revestimento ideológico e político, que depende, portanto, de opções individuais.

Enquanto pesquisadores e professores da área educacional, novamente, reiteramos nosso posicionamento em favor da propagação e uso da LS, principalmente à comunidade surda, pois, entendemos que por meio da língua, as pessoas surdas conseguem, de forma mais ampliada, ter acesso à compreensão.

Consideramos, também, a possibilidade de uma inserção efetiva da pessoa surda, o que implica pensá-la como um ser consciente de suas escolhas. Nesse viés, destacamos a relevância dos posicionamentos dos próprios surdos como essenciais no que tange a aceitação ou não da oralidade, e caso aceita, questionamos a conotação e o estigma que esse sujeito assume por tal escolha.

Além disso, chamamos atenção para o caráter responsivo contido na orientação familiar que Abel recebeu para fazer a terapia da fala, pois, ao olharmos isso sob o prisma dialógico, constatamos a influência dos condicionantes sociais interferindo diretamente no tratamento que a família atribuiu ao assunto.

O caráter responsável da família é perceptível ao apresentar a oralidade não de forma impositiva, mas como uma possibilidade a mais de promover a cidadania de um sujeito estigmatizado por não falar da mesma forma como falam os ouvintes. Assim, destacamos a ótica da família que concebe a pessoa surda para além do enunciado oficial – limitação. Deste modo, concebemos a oralidade como alternativa na perspectiva dialógica, visto que a mesma, enquanto signo, é dotada de um embate de vozes: uniformizar ou incluir.

Mais uma vez, observamos o viés discursivo dialógico presente, isto é, a surdez foi mostrada a partir dos posicionamentos que a família atribuiu à Terapia da Fala como uma possibilidade de inclusão social. Esse posicionamento axiológico consistiu na resposta da família frente aos enunciados sobre surdez postos na época.

A cena traz alguns enunciados que revelam o modo como o ensino, neste contexto, era ministrado nas escolas. O professor buscava articular com mais lentidão as palavras que pronunciava; procurava estar sempre de frente para o sujeito surdo, registrando na lousa as informações que o fornecia oralmente. Destacamos que essas práticas refletem enunciados globais que legitimavam o paradigma de inserção no seio social e de autonomia das pessoas

com deficiência.

Pontuamos a cadeia discursiva materializada na ação responsiva da família, que deixa de ser uma simples ação, pois, na cena apresentada, quando articulada com a Terapia da Fala, culmina em um empreendimento de instrumentalizar o sujeito com mais uma forma de se comunicar na sociedade. Salientamos a importância da LS para a pessoa surda, mas também não podemos negar a relevância da oralidade como alternativa de emancipação e inclusão das pessoas surdas.

Esses enunciados influenciavam diretamente no uso da língua de sinais e da oralização na educação de surdos; no uso do microfone para amplificar o som da voz, para estabelecer a comunicação com surdos; no registro dos sons vocálicos no ensino de surdos; e no uso do espelho para melhorar a articulação vocal de pessoas surdas.

Reiteramos que foi nesse contexto da década de 1980, que o olhar para as pessoas surdas passou por uma reconfiguração de cunho político, metodológico e instrumental. O desenvolvimento tecnológico na acústica dos aparelhos auditivos e nos procedimentos para auxiliar a terapia da fala, nesse período, refletiu diretamente na corrente complexa de enunciados sobre as pessoas surdas.

Assim, nesta cadeia de enunciados sobre a pessoa surda, a memória em torno deste segmento foi construída. Por meio de palavras alheias foi elaborada uma cadeia discursiva a partir das seguintes palavras: o oralismo e a comunicação total.

O oralismo traz a ideia de que o surdo precisa aprender a língua oral para integrar-se à comunidade ouvinte. A comunicação total reflete a perspectiva de que a língua oral deve ser acompanhada, concomitantemente, da LS no ensino de surdos, assim como, muitas formas de trabalho podem ser adotadas, combinadas com a oralidade e a sinalização, como a dramatização, o desenho, as gravuras e a escrita.

A seguir destacamos o uso do termo “verbalizar” na cena analisada. O termo é proferido no momento em que o personagem Horácio incentiva o Abel a fazer a terapia da fala. Horácio menciona que em poucos meses, Abel, vai conseguir verbalizar.

A palavra “verbalizar” possui um sentido que está para além do simples ato de falar. Quando se trata do contexto da educação de surdos, a partir da forma como a temática é mostrada na novela, a expressão adquire uma carga signíca, que remete a uma oportunidade de inclusão da pessoa surda, a qual vai utilizar mais uma forma de se comunicar para interagir com os ouvintes. A respeito desse comentário: “tudo o que é ideológico possui significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

Nessa perspectiva, a palavra inserida em uma situação de comunicação real vai se relacionar com as outras palavras, ou seja, o seu sentido vai transcender aquele prescrito no dicionário. Na cena em análise, a palavra “verbalizar” traz uma memória muito significativa, pois a história da educação de surdos tem nessa expressão todo um retrospecto de uniformização da pessoa surda para estar em consonância com a fala considerada padrão no meio social. Sobre isso, evidenciamos que:

É preciso reconhecer que o papel central da linguagem para o desenvolvimento humano nunca foi negado por qualquer método, quer oralista ou de sinal. De fato, a ênfase no ensino intensivo da língua oral por parte dos oralistas era consequência direta de sua consciência da devida importância da linguagem e da competência linguística. O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se como um membro produtivo ao mundo dos ouvintes (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2002, p. 6).

Enquanto enunciado, o termo “verbalizar” - atravessado pelo discurso médico-patológico da correção - tornou-se para a época, um artifício para integrar as pessoas surdas. A fala foi amplamente usada na educação de surdos como metodologia de ensino. Mais uma vez, ponderamos que na cena em análise, há o consentimento do personagem surdo, ou seja, não houve uma imposição, o que configura o ouvintismo. Pelo contrário, a família apresenta a ele a terapia da fala no sentido de proporcionar mais um instrumento, uma vez que ele já usa a LS para a comunicação com os familiares e com os outros de situações em âmbito extrafamiliares.

No que concerne a cadeia de sentidos, a qual a cena está inserida, ao olharmos para o todo, podemos visualizar outros dois pontos interessantes: a família e a comunicação escolhida para estabelecer a relação com o Abel. No que tange ao primeiro item citado, no momento em que o Horácio faz o convite ao Abel para fazer o procedimento, concebemos essa atitude como um ato de alteridade, pois, ele aponta ao personagem outro recurso comunicacional com a finalidade de instrumentalizá-lo para a vida em seu seio social.

Isto, porque muitas pessoas, ainda, não são usuárias da LS e isso ocorre por uma série de questões que perpassam a ausência de informação acerca da língua. Dessa forma, a possibilidade da pessoa surda fazer a terapia da fala vai proporcioná-la estar apta para situações de comunicação do cotidiano, as quais necessitarão dispor de um recurso para além da LS, nesse caso, a oralidade.

No que tange ao segundo item, a imagem intitulada terapia da fala mostra as primeiras sessões de terapia da fala do personagem. A partir dessa cena, podemos identificar o uso de diversas tecnologias no cotidiano da pessoa surda.

O uso intencional da expressão “Terapia da Palavra” na entrada da cena demarca o contexto da época, em que a surdez era vista como uma patologia. Por meio do microfone e de alguns equipamentos de voz, Abel começou a emitir os primeiros sons sob a supervisão da fonoaudióloga. Frisamos que, nesse contexto, o advento de muitos utensílios técnicos voltados para propiciar um desenvolvimento comunicacional das pessoas surdas, foram sendo usados tanto no âmbito médico, como podemos ver na cena, como nas escolas. Isto é, a prática terapêutica foi uma constante nas escolas, sobretudo as especializadas, durante a década de 1980.

Ainda sobre essa cena, outra vez somos levados à discussão da oralidade, pois Abel aparece emitindo alguns sons, o que aproxima muito do contexto educacional. Nesse período, os métodos de ensino estavam direcionados para trabalhar nas crianças as pronúncias das palavras, bem como é mostrado no acontecimento, com uma orientação rígida e mecânica.

O momento em que Abel está diante da fonoaudióloga, pronunciando as palavras, tem

uma memória muito expressiva, porque remete, de forma enérgica, as práticas de sala de aula, uma vez que educação e medicina se uniram para garantir o êxito no ensino das pessoas surdas, sempre com o objetivo de estimular a oralidade. Evidencia-se o uso da imagem aliada à sinalização em LS como subsídios para evocar a palavra. O que pode ser observado na cena em que Abel vê a imagem do cavalo, faz o sinal e, a partir disso, oraliza.

Notamos como a cena traz reminiscências do paradigma da educação de surdos, do período, sendo o enredo da novela dialogizada pelos fios dialógicos, que são os fatos da realidade materializados pelos personagens e convertidos em sentidos a partir das relações. Acerca das lembranças, com base em Bakhtin (2017), reiteramos que estas levam em conta até os acontecimentos no âmbito do passado, isto é, analisamos e elucidamos o lembrado no âmbito de um passado inacabado, bem como aponta o filósofo russo, utilizamos outros sentidos para dialogar com um passado inacabado, ou seja, a memória está nessa linha tênue - a fronteira sógnica - o lugar onde ocorre a construção de um novo sentido, oriundo do diálogo da palavra, responsável pela produção dos enunciados. Por considerar o enunciado um elo no fluxo discursivo, o mesmo vai sempre trazer reminiscências do enunciado anterior, que pode ser rememorado em contato com outros.

Na cena é possível, também, perceber mais uma vez a memória do ensino de surdos da época. Notamos que o contexto de interpretação é um fator importante. Como já mencionamos, a educação da época se constituía em um emaranhado de práticas terapêuticas, em que as pessoas surdas eram educadas mediante um processo mecânico e fônico, que consistia em expressar os fonemas.

Na cena, analisamos a construção de sentidos a partir da interação entre signos, pois a lousa vai dialogar com o personagem surdo, que também dialoga com a metodologia utilizada pela fonoaudióloga. Ou seja, cada um dos elementos citados deixa de ser mero objeto ou vozes para assumirem significação e ao se relacionarem, constroem o todo de sentido – o enunciado.

Considerações finais

Assim, concluímos que a surdez foi um tema de relevância para a época, uma vez que a mesma ganhou visibilidade na trama veiculada pela principal mídia televisiva do país. Essa notoriedade, observada a partir de um ponto de vista dialógico, se materializou em um personagem, taxado como “surdo-mudo”, termo muito característico por conta da oralidade ser a forma de se comunicar do grupo majoritário – ouvinte.

Dentre os posicionamentos assumidos pelo autor, destacamos o médico-patológico, no entanto, ressaltamos a forma como foi exposta na cena: como uma possibilidade a mais, a família não impõe a fala. A partir da nossa leitura da cena, concluímos que a família enxerga na terapia da fala um recurso a mais de sociabilidade, que com o consentimento da pessoa surda, também é uma possibilidade para as interações do cotidiano.

Além disso, ressaltamos o paradigma de educação de surdos do período, o qual estava alicerçado em uma lógica oral-auditiva, sendo realizada mediante um ensino metódico da

fala. Esse ensino, como visualizamos em alguns excertos da cena, consistiam na verbalização de algumas sílabas isoladas.

Destacamos a surdez como uma temática localizada em um trânsito, pois, as práticas terapêuticas foram incorporadas às educacionais, bem como constatamos com nitidez, em alguns momentos da cena, o momento histórico da novela, em que a surdez estava atravessada por discursos médicos. Frisamos, também, que somos favoráveis ao uso e a difusão da língua de sinais na educação de surdos. Isto traz mais energia na luta da comunidade surda por direitos em uma sociedade preconceituosa e excludente. Por isso, é fulcral haver mais divulgação e sensibilização do *status* de língua reconhecido para a LS no Brasil.

A forma como a família tratou da oralidade com a pessoa surda foi apresentada por meio de um diálogo e mostrada não de forma centralizadora, mas como um meio comunicacional a mais para favorecer e propiciar a participação do Abel no meio social. Também chamamos atenção para a não ocorrência da perspectiva do bilinguismo na novela, apesar de ser tema recorrente no campo da educação de surdos a partir do início dos anos de 1980.

Com isso, reiteramos nosso posicionamento acerca da temática da oralidade, pois esta não pode ser vista apenas como um elemento normalizador, pelo contrário, quando aceita pela pessoa surda, essa forma de comunicação também contribui na socialização e na autonomia, no sentido de estarem as pessoas surdas expostas à situações diversas em diferentes contextos da vida.

O estudo contribui com as reflexões sobre a oralização de surdos – tão polêmica atualmente. Na novela, não houve imposição da família, mas houve diálogo com o surdo, que aceitou realizar a terapia da fala. Do contrário – a proibição do uso da LS – é algo inconcebível, pois a decisão precisa partir do surdo, assim como ocorreu com o Abel na novela “Sol de Verão”.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações). *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 23-69.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 57-79.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Normalidade, diversidade e alteridade na história do instituto nacional de surdos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 67, p. 851-874, out./dez. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216744>

CAPOVILLA, Fernando César; CAPOVILLA; Alessandra Gotuzo Seabra. Educação da criança surda: evolução das abordagens. *In*: CAPOVILLA, Fernando César (org.). **Neuropsicologia e aprendizagem**: uma abordagem multidisciplinar. 1 ed. São Paulo: SBNp, 2002. p. 229-256.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

KELMAN, Celeste Azulay. Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias. *In*: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (org.). **Letramento, bilinguismo e a educação de surdos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 49-69.

MOFOTV. Sol de Verão (1983): Abel aprende a falar. **YouTube**, 19 maio 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyAq67uhXNY>. Acesso em: 26 out. 2018.

PONZIO, Augusto. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

SANTANA, André. Sol de Verão estreava há 35 anos. **Observatório da TV**, 11 out. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/lqCUR>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SKLIAR, Carlos Bernardo. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. *In*: SKLIAR, Carlos Bernardo (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 7-32.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre

